

18º RETIRO AAPTCP
Pe. VASCO P. MAGALHÃES
Rodízio, 23, 24 e 25 de maio de 2025

TEXTOS PARA REFLEXÃO

ÍNDICE

	<u>Página</u>
• Textos para reflexão sobre: «O CRISTO CÓSMICO»	2
• A Consumação do Cristo pelo Universo, <i>Teilhard</i>	6
• O Cristo Cósmico, <i>Pe. Vasco</i>	8
• Orando com Teilhard de Chardin	25
• «Liturgia Cósmica»	30
• Textos para a celebração da Eucaristia	32
• Textos de apoio do Padre Vasco	35

TEXTOS PARA REFLEXÃO

CRISTO CÓSMICO

«A meta do caminho do Universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal.»

(Laudato Si', §83, Papa Francisco, 2015)

«Desde a criação do mundo até à sua consumação em Deus, no fim dos tempos, realiza-se um só e único processo: a assimilação do mundo por Cristo universal que, progressivamente, o faz converter-se no seu Corpo.»

(O Meio Divino, Teilhard de Chardin, 1927)

São Paulo
(sg. trad. Fred. Lourenço)
Col.1,15-20

[Cristo] Ele é a imagem do Deus, o Invisível, Primogénito de toda a criação, porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, tanto tronos como dominações, tanto poderes como autoridades: todas as coisas foram criadas por ele e para ele. E ele existe antes de todas as coisas e todas as coisas nele se juntam; e ele próprio é a cabeça do corpo da igreja. Ele que é princípio, primogénito dentre os mortos, para que seja ele o primeiro entre todos, porque nele toda a plenitude aprouve habitar e através dele reconciliar todas as coisas com ele, tendo feito a paz através do sangue da sua cruz, tanto no que respeita às coisas da terra como às dos céus.

Rom.8,22

Pois sabemos que toda a criação geme e sofre em trabalho de parto até agora.

1Cor.15,28

E quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio filho se submeterá àquele que lhe submeteu todas as coisas, para que Deus seja todas as coisas em todos.

Ef.1,9-10

[Deus] dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade segundo o seu beneplácito, que Ele planeou nele para administração da plenitude dos tempos, para reunir todas as coisas em Cristo, tanto as que há no céu como na terra.

Ef.4,10-13

Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para que de plenitude enchesse todas as coisas (*noutra tradução: todo o universo*). [...] até que que atinjamos todos a unidade da fé e o conhecimento do filho de Deus e até que atinjamos o estado de homem realizado e a medida da estatura da plenitude de Cristo.

**Texto incluído no
programa de 2022,
da Casa de Exercícios
do Rodízio**

O Cristianismo é, por definição, essencialmente a religião da Incarnação: Deus unindo-se ao mundo criado por Ele, para o unificar e sobretudo incorporá-lo Nele. É neste gesto que se exprime, para o Cristão, a história universal. Para Teilhard de Chardin não existe uma verdadeira independência nem discordância, mas sim, uma subordinação coerente entre a génese da Humanidade no mundo e a génese de Cristo, para a sua Igreja, na Humanidade.

Teilhard de Chardin
A PALAVRA ESPERADA
Pequim, 31.10.1940
Tomo 11 Ob.Completas

O Pleroma: a misteriosa síntese do Incriado e do Criado – a grande completude (tanto quantitativa como qualitativa) do Universo em Deus. É impossível ler S. Paulo sem se ficar estupefacto com a importância dada pelo Apóstolo a esta noção tomada no seu realismo absoluto; e com o lugar relativamente obscuro em que ela foi abandonada até agora pela pregação e pela teologia; e com a maravilhosa conveniência que ela proporciona às necessidades religiosas do tempo presente. Deus recolhendo em si não apenas uma vasta dispersão de almas, mas a sólida e orgânica realidade dum **Universo tomado de alto a baixo na extensão e unidade totais das suas energias**. Não era precisamente este o ponto que procurávamos tacteando? A minha ideia e o meu sonho seriam que, por prolongamento lógico do mesmo movimento, a Igreja explicitasse e apresentasse ao Mundo, como o fazia já S. Paulo aos seus convertidos, a grande figura d'Aquele em quem o Pleroma encontra o seu princípio físico, a sua expressão e consistência: o Cristo-Ómega, o **Cristo Universal**.

Ilia Delio
«Christ in Evolution»,
Orbis Books, New York,
2014 (trad.)

* [A *kénosis* é a acção de um Deus totalmente entregue ao outro para se relacionar e se encontrar no outro; um Deus que testemunha e chama a seguir os seus exemplos.]

Cristo é mais do que Jesus. Cristo é o Mundo incarnado, Aquele por meio do qual todas as coisas são criadas e Aquele no qual todas as coisas alcançarão a completude em Deus. Toda a pessoa e o universo inteiro encontram significado em Cristo, o qual estabelece uma relação distinta e única com todos os seres; **tudo está relacionado com Cristo**. Assim, Cristo é a união da humanidade e da criação com Deus, o verdadeiro centro integrador do universo.

O Cristo cósmico significa a *kénosis** eterna do amor abnegado de Deus, que se manifesta no movimento evolutivo da criação e culmina ao personalizar-se na encarnação.

Do Prefácio (trad.) de
“Teilhard de Chardin,
prophète d’un Christ
toujours plus grand”,
Gustave Martelet s.j.
(François-Xavier Dumortier,
Sj, Provincial de França)

É assim que, lendo o Padre Martelet, o leitor desperta para esta impressionante visão do Cristo que constitui o fundamento e cerne do percurso de Teilhard. Que testemunho nos é assim dado da profundidade, da imensidade e da universalidade do acontecimento crístico ! **Trata-se, ao mesmo tempo, da presença de Cristo no universo e da relação do universo com Cristo.**

Teilhard de Chardin
CRISTOLOGIA E
EVOLUÇÃO, tomo X,
OC, 1933

Por construção, deve haver no cosmos (para que este se mantenha e funcione), um lugar privilegiado onde, como numa encruzilhada universal, tudo se vê, tudo se sente, tudo se comanda, tudo se anima, tudo se toca. Não será esta uma maravilhosa posição para situar (ou melhor, reconhecer) Jesus? Supondo-O estabelecido, pela sua Incarnação, neste ponto singular cósmico de toda a convergência, Cristo torna-se, antes de mais, imediatamente co-extensivo à enormidade espacial.

José Gomes Silvestre
“Acção e Sentido em
Teilhard de Chardin”,
conferência proferida
no Colóquio
comemorativo do
50º aniversário da
morte de Teilhard de
Chardin, Universidade
Nova de Lisboa, 2005

Não é difícil detectar, sem ter necessidade de ler exaustivamente Teilhard, que no fundo de todo o seu pensamento está o binómio «**cosmos-Cristo**». A realidade é simultaneamente cósmica e crística, em última análise crística sempre. Cristo constitui um transcendental do ser. Para além de bom, verdadeiro, uno, todo o ser é crístico. Esta qualidade transcendental aparece inseparável da realidade, remetendo-a para o dentro do **universo**, para a sua face divina, para a sua teológica fundura, para o seu inobservável mistério, inacessível à força obscura dos sentidos, à luminosidade da razão. Nesta perspectiva, o «crístico» torna-se a verdadeira substância de toda a ulterior adjectivação: é o propriamente substantivo, a verdadeira essência do real, o verdadeiro ser de todo o ente. Fenomenologicamente existe um dentro e um fora das coisas que tem a sua figuração correlativa no Cristo e no cósmico.

Teilhard de Chardin
O CRÍSTICO,
tomo XIII, OC, 1955

Erigido em Motor Primeiro do movimento evolutivo de complexidade consciência, o **Cristo-cósmico** torna-se cosmicamente possível. E, ao mesmo tempo, *ipso facto*, adquire e desenvolve, em toda a plenitude, uma verdadeira omnipresença de transformação. Toda a energia, todo o acontecimento, para cada um de nós, se sobre-anima sob a sua influência e atracção. Em última análise, a Cosmogénese, que na ordem do seu eixo principal precede a Biogénese e depois a Noogénese, culmina na Cristogénese, venerada por qualquer cristão. [...]

[A Ressurreição] é um formidável acontecimento cósmico. Marca a efectiva tomada de posse, por Cristo, das suas funções como Centro universal. Até então, era ele em tudo como uma alma que afanosamente reúne os seus elementos embrionários. Agora, ele irradia sobre todo o Universo como uma consciência e actividades senhoras de si mesmas. Emergiu do Mundo, depois de haver sido nele baptizado. Estendeu-se até aos céus, depois de ter tocado as profundezas da Terra.

Tomás Halik
“A tarde do
Cristianismo”
Ed. Paulinas, pág. 305

Buscar o Cristo universal é a tarefa e o sinal dos nossos tempos. A visão de Teilhard de Chardin do Cristo universal, presente na evolução cósmica, deve ser complementada pelo encontro com o Ressuscitado, presente (tantas vezes anonimamente) na evolução da sociedade.

Texto de apresentação
do *Retiro da Associação*
espanhola Teilhard de
***Chardin*, 15-17.11.2024,**
sob o tema:
«Cristo en el mundo en
evolución»

Reflexionaremos y oraremos sobre la presencia de Cristo en el Universo conocido hoy por la ciencia como en evolución, pero que es creado por Dios y su evolución es convergente hacia Dios y al que se ha unido por su encarnación en Cristo. El hombre es parte con su actividad de esa evolución lo que lleva a la divinización de sus actividades y pasividades. La presencia de Cristo en el mundo como su Alfa y Omega lo convierte en un medio divino y cristificado. Sacramentalmente celebramos su presencia en la Misa sobre el mundo.

Teilhard de Chardin
MISSA SOBRE O
***MUNDO*, 1923**

Recebei, Senhor, esta hóstia total que a criação, movida pela vossa atracção, vos apresenta na nova aurora.

Para além da hóstia transubstanciada, a operação sacerdotal estende-se ao cosmo inteiro.

A transubstanciação expande-se numa divinização real de todo o universo. Do elemento cósmico onde está inserido, o Verbo age para subjugar e assimilar a si todo o universo.

A Eucaristia opera, além da transubstanciação do pão, o crescimento do Corpo místico e a Consagração de todo o cosmo.

Andreas Lind sj
“A visão teilhardiana
***de Ratzinger”*, artigo na**
revista *Noosphère*,
dezembro 2024 (trad.)

Assim, o significado do mundo, da vida e da fé deve ser explorado numa dimensão cósmica. O ser humano não pode apreender verdadeiramente o sentido da sua existência senão ligando-se à natureza. É através da compreensão do significado da Evolução cósmica que a pessoa humana descobrirá o seu lugar na natureza. Respeitando o sentido do dinamismo interno ao universo, estaremos à altura de cumprir plenamente o nosso destino. É esta a visão dinâmica de Teilhard.

Teilhard de Chardin
Final de “*A vida*
***cósmica”*, 1916,**
(O.C., tomo XII)

Que desça, portanto, do céu, se se não ouve na terra, a palavra que, sintetizando os arrebatamentos da alma e as exigências do Cosmos, nos revelará por que misteriosa organização dos extremos as aspirações individuais se podem consumir na realização do Todo!

Teilhard de Chardin
“*Forma Christi*”, 1918,
(O.C., tomo XII)

Não há no Universo senão *um único centro*, simultaneamente natural e sobrenatural, que move, numa mesma linha, toda a Criação, primeiramente no sentido da maior Consciência, depois no sentido da mais elevada santidade: isto é, Jesus Cristo, pessoal e cósmico.

Vergílio Ferreira
artigo publicado em
“*O Tempo e o Modo*”,
nº 37, de abril de 1966

Integrando na divindade todo o Universo e a rede de necessidade que o une (porque nada na vida é accidental) Teilhard de Chardin revelou um **Deus cósmico**; e para que a Criação não fosse um acto gratuito, dá a Deus encarnado a responsabilidade efectiva por essa Criação. Cristo inserido na vida assume efectivamente como Deus a Criação inteira; e o facto histórico do seu aparecimento é um facto acontecido num momento do tempo humano, mas com uma significação que transcende esse momento, recuperando assim para tal assunção todo o passado e futuro. Até porque, cientificamente, esse acontecimento, como todos, tem de ter as raízes no passado mais remoto e uma projecção no futuro mais distante. Tornado homem, Deus *prova* que a Criação se integra nele e não é um acontecimento gratuito. Assim ele a assume, desde as origens ao seu termo, e os próprios seres humanos que porventura existam noutros planetas – como Teilhard admite que existam – serão assumidos também decerto como elementos da Criação pela inserção dela no próprio Deus. E estas são, ao que julgo, as linhas essenciais do Cristianismo teilhardiano: Deus é um Deus cósmico; e encarnado, confere uma necessidade de sublimação a todo o Universo criado.



TEXTO PARA MEDITAR

A Consumação do Cristo pelo Universo ¹

(Teilhard de Chardin)

No Cristo total (neste ponto a tradição cristã é unânime) não existe somente o Homem e o Deus. Mas há ainda Aquele que, no seu ser «teândrico²», reúne toda a Criação: « *in quo omnia constant* ».

Até aqui e apesar do lugar dominante que São Paulo lhe atribui na sua visão do Mundo, este terceiro aspecto ou função – ou mesmo, num sentido verdadeiro, esta terceira «natureza» de Cristo (natureza nem humana, nem divina, mas «cósmica») – ainda não atraiu muito a atenção explícita dos fiéis e dos teólogos.

Em contrapartida, agora, quando, por todas as vias da experiência, o Universo se põe a crescer fantasticamente aos nossos olhos, é certamente chegado o momento de o Cristianismo despertar para a consciência nítida daquilo que o dogma da Universalidade do Cristo, alargado a estas novas dimensões, suscita de esperanças, e, ao mesmo tempo, levanta de dificuldades.

Seguramente esperanças: porque, se o Mundo se torna tão formidavelmente vasto e poderoso, isso quer então dizer que o Cristo é ainda muito maior do que nós pensávamos.

Mas dificuldades também: porque, afinal, como conceber que o Cristo se «imensifique» por força do nosso novo Espaço-Tempo sem, ao mesmo tempo, perder a sua personalidade adorável e, de algum modo, se volatilizar?...

E é aqui que resplandece a espantosa harmonia libertadora entre uma religião de tipo crístico e uma Evolução de tipo convergente.

Se o Mundo fosse um Cosmos estático, – ou ainda, se ele formasse um sistema divergente – prestemos bem atenção, só razões de natureza conceptual e jurídica poderiam ser invocadas para fundamentar o Primado de Cristo sobre a Criação. O Cristo rei de todas as coisas, porque assim foi *declarado* como tal, e não porque qualquer relação orgânica de dependência exista (nem mesmo possa concebivelmente existir) entre Ele e uma Multiplicidade fundamentalmente *irredutível*. E, nesta perspectiva de natureza *extrínseca*, é com muita dificuldade que poderemos ainda honestamente falar duma «cosmicidade» crística...

Mas se, por outro lado, e tal como os factos o comprovam, o Universo, o nosso Universo³, forma efectivamente uma espécie de «vórtice» biológico, dinamicamente centrado sobre si, então como não ver que uma posição única, singular, se revela no cume espaço-temporal do sistema, onde o Cristo, sem deformação nem esforço, se torna literalmente, com um realismo inaudito, no *Pantocrator* ?

A partir dum Ómega evolutivo onde o supomos localizado, não só se torna concebível que o Cristo irradie *fisicamente* sobre a totalidade

¹ in “*O Crístico*”, Teilhard de Chardin, tomo XIII, OC, escrito em Nova Iorque, março de 1955 (ver este ensaio na totalidade, em português, no site da AAPTCP www.amigosteilhardportugal.pt – separador ‘Ler Teilhard – Ler aqui’), tradução da responsabilidade da **Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal**

² “*simultaneamente divino e humano; diz-se das acções divino-humanas de Jesus Cristo*” (Dic. Houaiss da Língua Portuguesa, Círculo de Leitores, Lisboa, 2003) [N.T.]

³ E, provavelmente (na medida em que criar é unificar), *todo* o Universo possível, (N.A.)

assombrosa das coisas, como é inevitável que essa irradiação atinja o máximo de penetração e de activação.

Erigido em Motor Primeiro do movimento evolutivo de complexidade-consciência, o **Cristo-cósmico** torna-se cosmicamente possível. E, ao mesmo tempo, *ipso facto*, adquire e desenvolve, em toda a plenitude, uma verdadeira *omnipresença de transformação*. Toda a energia, todo o acontecimento, para cada um de nós, se sobre-anima sob a sua influência e atracção. Em última análise, **a Cosmogénese, que na ordem do seu eixo principal precede a Biogénese e depois a Noogénese, culmina na Cristogénese**, venerada por qualquer cristão.

E então eis que, aos olhos maravilhados do crente, é o próprio mistério eucarístico que se prolonga até ao infinito numa autêntica «**transubstanciação**» **universal**, em que já não é apenas sobre o pão e o vinho sacrificiais, mas verdadeiramente sobre a totalidade das alegrias e das penas engendradas, nos seus progressos, pela Convergência do Mundo, que recaem as palavras da Consagração⁴,
– e que originam as possibilidades de uma universal Comunhão.

O Meio Divino

Nos seus esforços por se unir ao Divino, até agora o Homem não tinha procurado senão duas vias. O evadir-se do Mundo no «além», ou, pelo contrário, fundir-se nas coisas, a fim de se unificar com elas, monisticamente. E, de facto, em termos de Cosmos, que outra coisa podia ele fazer para escapar à multiplicidade interna e externa que o torturava?

Mas a partir do momento em que, por Cosmogénese orientada para um Ómega crístico, o Universo toma aos nossos olhos a forma de um conjunto realmente convergente, então uma terceira via, completamente nova, abre-se ao «místico» para chegar à unidade total. E há que coincidir, com todas as suas forças e com todo o seu coração, com o Foco, ainda apenas entrevisto, mas já existente, de unificação universal (já que a Esfera inteira do Mundo não é outra coisa senão um Centro em processo de centração sobre si mesmo).

Com o Universo cristificado (ou, o que vem dar o mesmo, com o Cristo universalizado), surge um super-meio evolutivo (a que eu chamei «o Meio Divino»), cujas propriedades (ou «liberdades») particulares – ligadas elas mesmas à emergência de dimensões psíquicas absolutamente novas – é indispensável que, doravante, todos os homens apreendam.

[...] Deus sendo doravante apreendido e apreensível (e, mesmo, num verdadeiro sentido, completável) pela totalidade envolvente daquilo a que chamamos a Evolução – *in Christo Jesu*.

Ainda e sempre o Cristianismo, claro! Mas um Cristianismo reincarnado uma segunda vez (e como que à segunda potência) nas energias espirituais da Matéria. Exactamente o «ultra-cristianismo» de que necessitamos neste momento para responder às exigências crescentes do «ultra-humano».

⁴ Cf. *Le Prêtre*, Obras, tomo XII, Ed. du Seuil, (N.E.), e *La Messe sur le Monde*, Obras, tomo XIII, Ed. du Seuil (N.T.)



O TEXTO REPRODUZIDO A SEGUIR, CONSTA A PÁG. 247-262
DESTA OBRA DO PADRE VASCO, EDITADA PELA ED. TENACITAS EM 2001.
A SUA LEITURA COMPLETA A COMPREENSÃO DO TEMA DO NOSSO RETIRO:
«O CRISTO CÓSMICO»,
INSPIRADO POR TEILHARD DE CHARDIN

O CRISTO CÓSMICO*

A modo de introdução

O tempo de preparação de um trabalho de reflexão e, em particular, quando se lhe segue uma apresentação pública, é sempre um tempo de memórias e de um primeiro ajuste de contas com o vulcão interior. Ocorria-me a figura do P. José Craveiro, mestre inesquecível neste campo dos Exercícios Espirituais e, sobretudo, o seu cristocentrismo, linha de fundo, paradoxal, do seu olhar teológico. Veio-me, então, ter à mão, por linhas tortas, talvez!, o último livro de Sofia de Mello Breyner Andersen e, com ele, o poema “Deus escreve direito” que se cruza de modo admirável com o pensamento do P. Craveiro(1) e, para mim, lança o tipo de olhar sobre o mundo que pretendo partilhar, aqui, convosco.

Vou lê-lo. Serve assim de homenagem e de introdução.

*Deus escreve direito por linhas tortas
E a vida não vive em linha recta
Em cada célula do homem estão inscritas
A cor dos olhos e a argúcia do olhar
O desenho dos ossos e o contorno da boca
Por isso te olhas ao espelho:
E no espelho te buscas para te reconhecer*

* Conferência na III Semana de Estudos de Espiritualidade Inaciana, realizada em Fátima de 5 a 8 de Dezembro de 1997; in *Jesus Cristo na Espiritualidade Inaciana*, AO, Braga, 1998, pp. 191-207.

*Porém em cada célula desde o início
 Foi inscrito o signo veemente da tua liberdade
 Pois foste criado e tens que ser real
 Por isso não percas nunca teu fervor mais austero
 Tua exigência de ti e por entre
 Espelhos deformantes e desastres e desvios
 Nem um momento só podes perder
 A linha musical do encantamento
 Que é teu sol, tua luz, teu alimento. (2)*

É essa linha musical de encantamento, recta por entre curvas, que procuramos.

O Cristo cósmico

De que vamos falar?

Do cosmos – como ordem, por oposição a caos(?), mas também como ordenação, harmonia, isto é, beleza em construção(?), também do cosmos como Universo?

Serão, estes temas, utopias gastas? Veremos! Pode Deus criar para perder? Do nada para nada?

Tratar-se-á de uma ecologia “baptizada”? De um baptismo, à pressa, da Natureza? De uma moral correctiva do desperdício, do desencanto e do “vem aí o fim do Mundo!”? De uma cosmética de um arranjo-pintura da desgraça? Ou de um Deus, de um Espírito de Amor que palpita desde sempre *em tudo e em todos* e para onde Tudo, por linhas tortas, converge?

O que lhes proponho é um exercício de Globalidade.

São 6 flashes: cinco pontos encadeados para uma cristogénese inaciana, mais uma meditação, à maneira dos Exercícios, mas ao contrário: “Para ser alcançado no Amor...”. Assim:

- 1) Globalizar: A ressurreição plenifica a Incarnação.
- 2) Hinos do Universo: Ver, por dentro, com Teilhard de Chardin, Sto. Inácio de Loyola e S. Paulo. A linguagem possível.

- 3) Um *são* optimismo-pascal: a Morte-e-Ressurreição na cosmogénese.
- 4) Uma mística superadora dos dualismos piedosos e dos enganos neo-gnósticos: nem mítico, nem pós-moderno.
- 5) Viver o Todo dinâmico em cada Eucaristia.

Mas, a minha intervenção pretende ser mais um quadro de referencia do que um ponto de chegada; o ponto de partida é buscar o quadro onde nos movemos e somos!

Um exercício de Globalização

É preciso reaprender a juntar os mistérios do Cristianismo e ir para além de uma catequese por blocos de piedade, com a sua magia. Os mistérios de Cristo não só se iluminam uns aos outros como, sobretudo, se realizam uns pelos outros. Que impressão faz dizer não só que a Incarnação leva à Ressurreição, mas dizer que é aí que ela se explica e realiza plenamente?

A expressão “Cristo Cósmico” (3) é típica e definitiva na “visão” *global* cristocêntrica e *convergente* de Teilhard de Chardin. É moderna, mas a noção é clara nos Santos Padres dos primeiros tempos da Igreja. Não só junta os mistérios, como os dinamiza. Essa “visão” é, aliás, um exercício de globalidade.

Mas sendo o filão central do olhar original teilhardiano sobre o mundo, o de um homem de ciência e fé do nosso tempo, (que vê que a cosmogénese redundava numa antropogénese, e que a antropogénese é uma cristogénese!), nem por isso deixa de entroncar claramente na Espiritualidade Inaciana e de se enraizar na Teologia de S. Paulo, como veremos a seguir.

Aliás, o primeiro conceito é de que a *globalidade é uma globalização!* É um dinamismo e não um estado. Diz ele: “Desde que Jesus nasceu, cresceu e morreu, tudo se continuou a mover porque o *Cristo não acabou de se formar*”. E continua: “O *Cristo místico* não atingiu o seu pleno crescimento, e assim, de igual

modo, o *Cristo cósmico*” (4). Um e outro, ao mesmo tempo, são e tornam-se!

É que a Ressurreição não é o fim-terminus, mas o levar às últimas consequências a Incarnação. Ressuscitar não é – como para alguns – uma espécie de «desencarnar» ou como para outros «reencarnar». Não. Nem saída, nem regresso. Mas é, transfigurando, penetrar nas estruturas humanas, no mais fundo da humanidade e do Universo. Superando os limites do espaço e do tempo (por dentro e não por fora) o Espírito de Jesus Cristo anima e dinamiza, agora ressuscitado, toda a realidade como seiva (sangue) e fermento.

É pelo seu Espírito, pelo seu Corpo-e-sangue, assim entregues e feitos seiva do mundo, que Ele, o Ressuscitado, Se torna o pólo e o fundamento de toda “religação”... religião, Ele nos religa, e nos faz “um”: exerce em nós a trans-substanciação.

O “Hino do Universo”

A linguagem destas questões ultrapassa-nos; daí que desde sempre o homem religioso só tenha podido falar delas ou por parábolas ou por música. Encontrando a tal linha melódica de fundo, a espiritualidade inaciana exercita o “conhecimento interno” que só os grandes Hinos podem expressar.

a) Assim, o Padre Teilhard, já citado, encontrando-se um dia sozinho no deserto de Ordos, na China, sem meios de celebrar liturgicamente a sua Eucaristia, celebrou a sua “Missa sobre o Mundo” (5).

O texto que nos deixou, juntamente com outras “histórias-sonho” de experiências globais de comunhão interna e constituem o seu livro *O hino do universo*, são um “exercício de olhar” (6). Ver e ser tocado pela presença divinizante que palpita em toda a parte e faz adquirir sentido. Tomar este mundo como hóstia e oferecê-lo, orientá-lo para o Pai.

Muitos temem a subjectividade e o perigo de pseudo-misticismo de tais experiências, mas não podemos avançar sem elas, acompanhando-as do exercício, também místico e também inaciano, do discernimento.

b) Esse mesmo fascínio do global por dentro tocou e envolveu Inácio de Loyola. Uma vez, sentado junto ao rio Cardoner, ao tempo da sua conversão e perto da sua gruta de Manresa, vê, com os olhos interiores, e é iluminado por uma indizível síntese: “podiam acabar todos os livros e bíblias do mundo, nada abalaria essa luz”! disse ele, depois. Ver o como da criação... o caos organizando-se trinitariamente (7).

Percebe-se assim o novo alcance dos Exercícios Espirituais! Eles são antes de mais, como se diz logo no início, “para ordenar” a vida. Ordenar é pôr em linha de “cosmos”; é harmonizar relacionar, purificar, orientar (cosmogénese!). E o “todo” dos Exercícios é um processamento até chegar a ver – na meditação final – como Deus está, age, cria e habita, e tudo é participação do divino, em ordem à comunhão na Ressurreição.

c) Este tronco espiritual, *enraíza* solidamente em Paulo. Também ele faz a experiência de Deus unificante, “por uma graça especial”, como diz em Ef 3, 7. E o mesmo em 2 Cor 12, 1 ao falar “das revelações que recebi do Senhor...” que o levam a “dar a conhecer o plano misterioso que Deus criador tinha preparado desde o princípio para se revelar... por meio de Jesus Cristo Nosso Senhor”. E continua: “a fim de que arraigados e fundados no amor, podermos, todos, compreender a largura, a profundidade e a grandeza do Amor de Cristo” (Ef 3, 9-11).

E Paulo vai mais longe na compreensão da incarnation-ressurreição. “Que significa dizer que “subiu” ao céu, senão que é o que desceu às profundezas da terra? O que desceu é o que subiu acima dos céus, para plenificar todas as coisas (encher o Universo) com a sua presença” (Ef 4, 9-10).

São os Hinos Cristológicos de Colossenses (1, 14-20) e Efésios (1, 23 ss) que nos dão a “visão”: Cristo centro do universo, “por

Ele e para Ele tudo foi criado, Ele que era antes, dá consistência a tudo; a cabeça do corpo, o primeiro dos ressuscitados; por meio d'Ele, Deus reconcilia consigo todo o universo» (Ef 1, 10). E em Rom 8, 22: "Bem sabemos como até agora o mundo geme e sofre as dores de parto. E não é só o universo, mas também nós que já começámos a receber os dons do Espírito".

A Cosmogénese é uma Cristogénese

É, pois, no Espírito Santo que é o Espírito de Cristo que a cosmogénese devém (e se entende como) uma cristogénese(8).

Superam-se por aí dois excessos e tentações. O exagero de antropocentrismo que leva ao homem, e para o homem sem transcendência nem religação, o evoluir do universo encalhando num "sem saída" que os grandes desequilíbrios ecológicos manifestam. O cristianismo é divinização do humano e não endeuamento do homem! Superam-se também tentações milenaristas de fins do mundo, predestinados ou castigo, porque não há um mundo "ao lado" de Deus...

A criação, em acto, "não acabada" e que é a que existe, torna-se inteligível por ser uma criação *em* Cristo e *para* Cristo. E não apenas "ao lado" ou meramente assumida. À imagem do Verbo, expressão de Deus, o caos "organiza-se", o Cosmos caminha, harmoniza-se à luz do Homem Novo. Tudo se vai *incorporando* n'Ele que é a cabeça: "Até à plenitude d'Aquele que plenifica tudo em todos" (Ef 1, 23; 1 Cor 15, 28).

Será tudo isto um optimismo ingénuo, fatal, que impõe à criação um destino? O que vejo é uma *experiência pascal optimizada!*; isto é, transfigurada. A glória da Páscoa não elimina nem ilude a dor e a morte, não faz delas mero trampolim, porque são a própria maturação do amor. Esta visão, mais do que um optimismo é uma optimização.

Há um avanço *cósmico*, não *cosmético*; e não automático como a própria ciência actual nos faz ir percebendo, redescobrimo novas

forças caóticas, novas entropias; mas o cosmos – ordem – e beleza, realiza-se por transformação; passa pela cruz – o esvaziamento, a morte.

E a verdade é que nada se perde, tudo converge! E convergir é, num primeiro passo, renunciar à própria apropriação, ao pecado, ao desamor que desagrega o corpo.

A convergência, a globalização, tende à máxima unificação que é também a máxima diferenciação. Não é uniformizante. E a máxima comunhão e centração num maior do que eu, supõe a morte do eu mal centrado. O P. Teilhard de Chardin disse a propósito do amor humano e da sua lógica de morte-vida: “consistirá em centrar-se bem em si próprio, descentrar-se num igual a si e sobrecentrar-se num maior que os dois. Sem perder nenhum dos três pólos” (9).

Por fim, tomemos consciência de como, para além das linguagens, a nossa experiência de Deus enferma por falta de purificação de imagens primitivas e por preconceitos redutores.

Uma mística cósmica

Em busca de uma nova “mística” para os nossos dias teremos de rever as nossas imagens religiosas mais arreigadas.

Antes de mais, voltemos ao tema de partida da junção dos mistérios.

A Criação encontra-se a si própria na Incarnação, e a Incarnação universaliza-se e germina na Ressurreição, onde cresce o corpo místico: expressão e encontro com o Pai.

Apesar do risco também redutor que têm os gráficos e os esquemas vou propor-lhes a observação de três esquemas mentais possíveis, subjacentes ao nosso entendimento sobre a História da Salvação. A importância é maior do que possa parecer, pois é dessa matriz que é base de compreensão muitas vezes acrítica, que se formam as doutrinas teológicas, que se justificam atitudes morais e se estabelece o tipo de relação e oração. Ver onde enquadra o nosso olhar sobre Deus.

Vejam os quadros que acompanham este texto. O primeiro tem três esquemas mentais. O segundo quadro amplia o “esquema 2” do 1º quadro, e o que é o proposto.

Assim, no 1º Quadro:

Esquema 1: uma visão mítica – estática – dualista: “as vindas de Senhor...”.

Deus cheio de piedade, vendo a desgraça humana “vem cá abaixo” (“incarna”), resolve os problemas, cumpre a sua missão e volta para o céu, e daí... do céu nos segue e para lá subiremos... e virá Ele de novo? E depois? Foi a esta “mitologia” a duplo estrato que nos habituámos, não só na linguagem, mas na doutrina. Há que entendê-la como parábola.

A partir desta visão se criaram as célebres Heresias Cristológicas: o perigo de docetismo (afinal não era bem homem, parecia) ainda presente na nossa linguagem: mas ele era Deus? Sabia tudo desde pequenino? Ou então, não era bem Deus, era um homem especial... Heresias que, na mentalidade comum e nas nossas catequeses, nem os Concílios de Calcedónia conseguiram debelar.

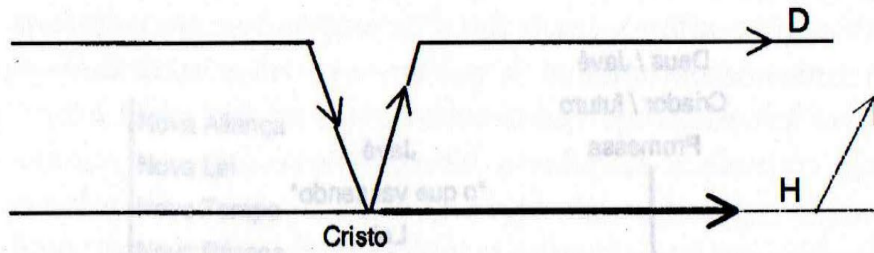
E a questão da cruz, que é escândalo... Mas não vingança do Pai que exige uma vítima e sacrifícios compensadores. Neste esquema não se chega a um Cristo cuja cruz é, independentemente da crucifixão, a sua entrega de amor desde sempre, já na encarnação. Cristo é a dor de amor do Pai.

Saltemos, por agora, o esquema 2.

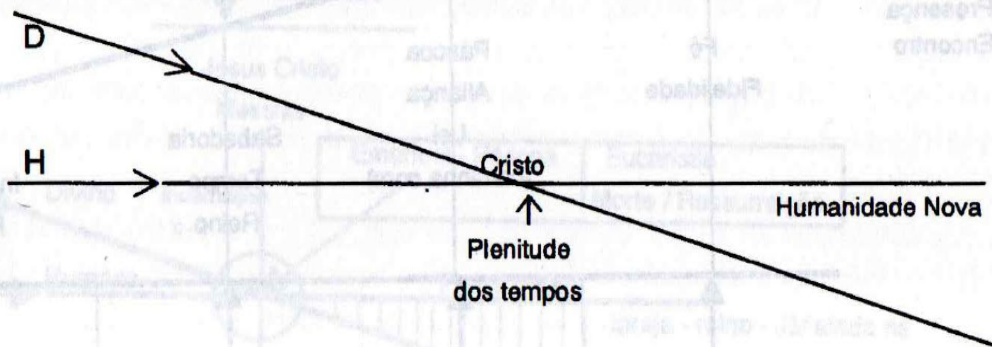
Quadro 1

Concepções cristológicas

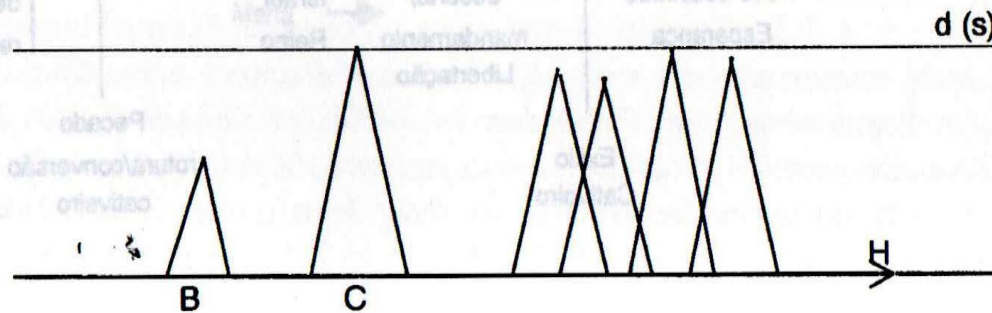
1 - Visão mítica - estática - dualista. As "vindas"



2 - Visão integrada. Teológica. Mistério da Vinda = Parusia-Encontro.



3 - Nova gnose

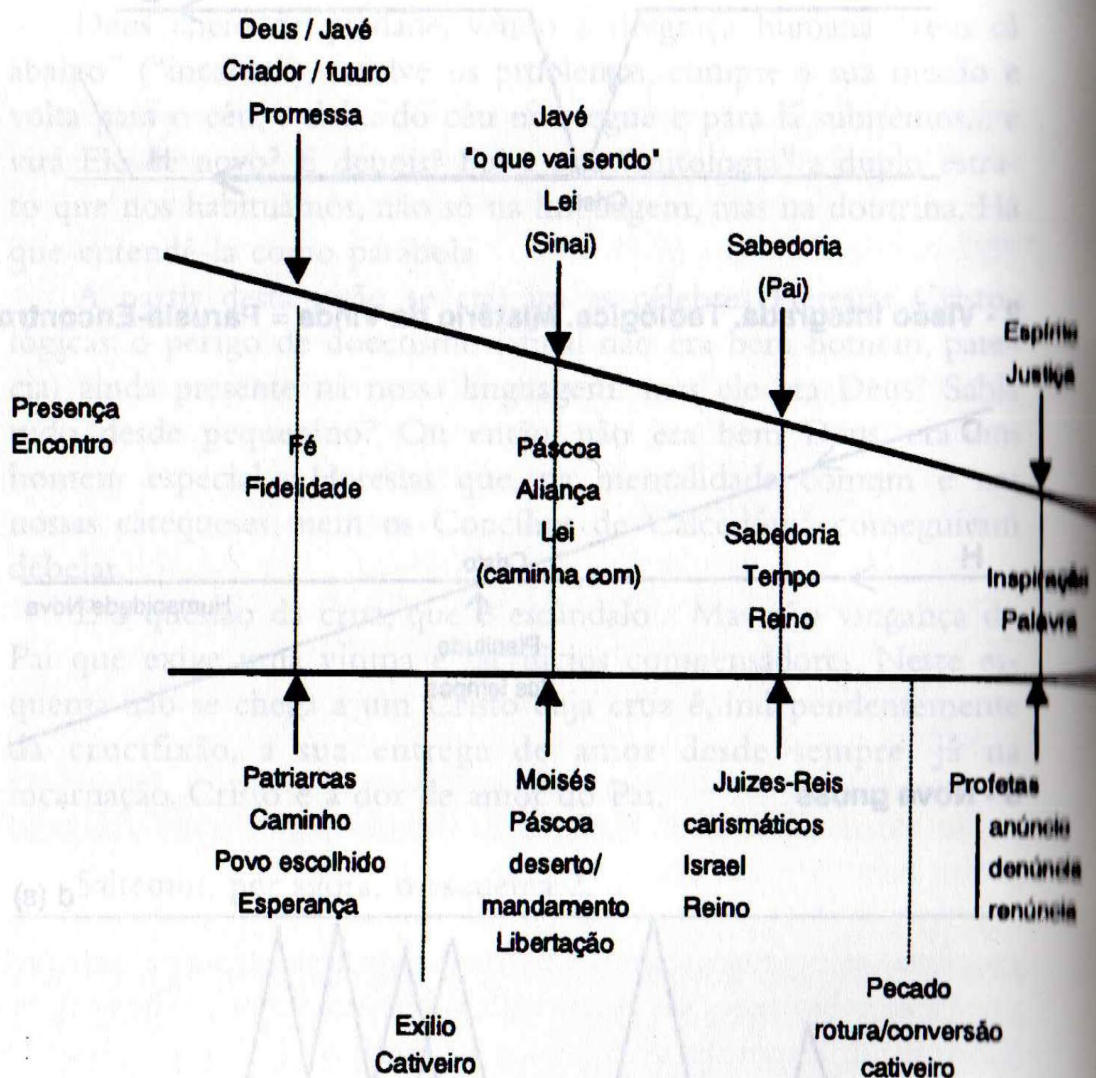


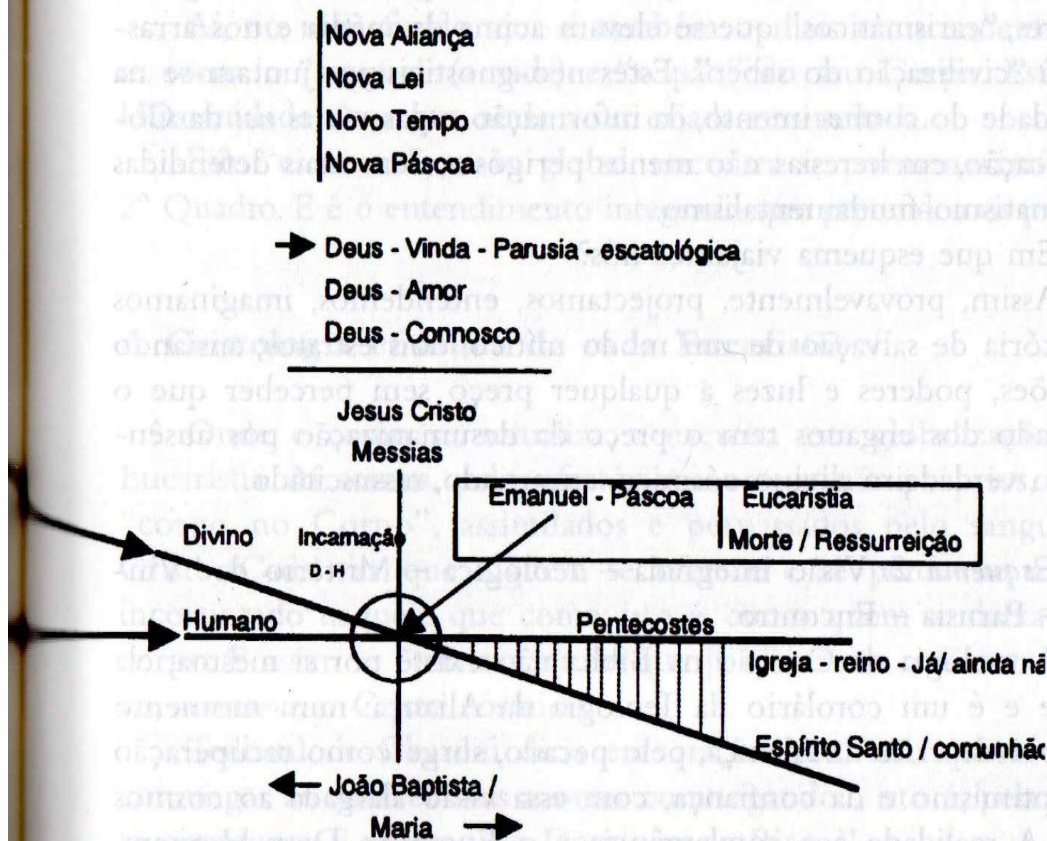
Quadro 2

HISTÓRIA DA SALVAÇÃO – Aliança

Proposta de Deus: Resposta de Deus ao desejo do Homem

Missão (fê) do Homem: resposta do Homem à Revelação (proposta) de Deus





Esquema 3: a nova «gnose»; as visões pós-modernas, de sincretismo e exoterismo.

Hoje – querendo ou não – somos marcados mais por uma cultura *new age*, na Era do Aquário, abertos a um vale tudo, confundindo ecumenismo com sincretismo... Com uma pitada de quase todos os saberes, vem o espírito humano ao de cima e revela as sabedorias que leva no fundo, mas organiza-as em torno a modelos de afirmação, entre os quais Jesus Cristo, que se auto-redimem, em misticismos desencantados da política e da religião. Grandes figuras, mestres, “carismáticos” que se elevam acima da média e nos arrastam à “civilização do saber”. Estes neo-gnosticismos juntam-se na sociedade do conhecimento, da informação e das várias *net* da Comunicação, em heresias não menos perigosas, nem mais defendidas do fanatismo-fundamentalismo.

Em que esquema viajamos nós?

Assim, provavelmente, projectamos, entendemos, imaginamos a história de salvação de um modo mítico, dois estratos; ansiando soluções, poderes e luzes a qualquer preço sem perceber que o mercado dos enganos tem o preço da desumanização por ausência do verdadeiro divino cósmico, encarnado, ressuscitado.

Esquema 2: Visão integrada – Teológica – Mistério da “Vinda” = Parusia – Encontro.

A teologia da Criação na Bíblia não existe por si mesma; ela supõe e é um corolário da Teologia da Aliança: num momento tardio e de crise da Aliança, pelo pecado, surge como recuperação do optimismo e da confiança, com essa visão alargada ao cosmos (10). A realidade é a convergência e o Encontro Deus-Homem, desde sempre e para sempre. E, afinal, o Altíssimo é o Baixíssimo!

É preciso ir (com Cristo) até à “descida aos infernos” e/ou ao “túmulo vazio” – esvaziamento como condição de transfiguração.

Cristo, expressão (Verbo) do Pai “desce”, “vem”, continuamente “e de muitos modos” (Heb 1, 1-2) ao encontro da sua criação que é o seu corpo; suscitando pontes e rampas de lançamento, núcleos de fermentação (cosmização do caos), através dos

profetas, dos místicos, e da comunidade crente, até que *se faz ver* (isto é: vem à luz de nove meses de gestação cósmica) em Jesus, no fim dos tempos, que não é o terminal, mas a consumação da primeira Vinda e Aliança para que se dê início à Segunda vinda pela morte e ressurreição, em comunhão com a qual somos feitos corpo místico e cósmico de Cristo que continua a “descer”, no interior da comunidade: corpo e sangue, fermento (e linha musical) que no Espírito anima a Igreja e a conduz como filão do Reino de Deus.

Aí, no mais fundo, que é também o mais transcendente, Ele se torna o “sangue” (a vida) e “o pão” do seu Corpo. Esta é a Humanidade nova que anda a ser criada-ressuscitada.

Este “esquema”, visão global, encontra-se pormenorizado no 2º Quadro. E é o entendimento integrado que pretendemos propor.

A Cristologia cósmica de cada Eucaristia

Onde e como se actualiza, e exercita esta globalização? Na Eucaristia. Aí somos, pelo ofertório, morte a nós próprios, feitos “corpo no Corpo”, assimilados e perpassados pelo sangue de Cristo. Cada vez que alguém se oferece e se perde no altar é incorporado naquele que come; isto é, como quem se deixa fazer corpo. E assim se “torna naquele que já é”: cresce o Cristo místico, acontece o Cristo cósmico.

Teilhard de Chardin diria em oração que “não queria tanto comungar ao morrer mas morrer comungando”, isto é, pela morte comungar. E morreu no Domingo de Páscoa!

Quando algum de nós comunga, entra em comunhão com o Cristo ressuscitado; é Ele, o ressuscitado, que pela nossa boca (pelo nosso coração) penetra mais fundo nas estruturas mesmo materiais do universo. Chamados pela criação à hominização, por Cristo tudo se humaniza e diviniza.

Pontos de oração para uma contemplação “para ser alcançado no amor”

Terminemos, bem à maneira inaciana que faz a passagem dos Exercícios Espirituais em tempo forte para os Exercícios na vida dando pontos para uma contemplação (que deverá ser quotidiana) “para alcançar o Amor”, isto é, “para viver em Amor” na presença consoladora, transformante de Cristo ressuscitado. Mas o que proponho aqui não é tanto o alcançar o amor, mas o ser alcançado no Amor.

Comecemos pelas adições e disposições. Assim:

Pressuposto:

Há que ponderar bem, antes de mais nada, três coisas:

- 1ª) que: só vê quem não se esconde – quem se deixa ver;
- 2ª) que: só encontra sentido quem se arrisca a que Ele lhe seja dado;
- 3ª) que: só ama quem se deixa amar.

Composição vendo o lugar:

Posto isto, pôr-se diante de Deus e do mundo como pobre e vulnerável... como filho amado, abraçado. E ver com os olhos da imaginação o Pai do pródigo, ou Aquele amigo próximo que diz Vem; vou contigo.

Então, considerar, centrando bem a imaginação e a inteligência do coração, por exemplo:

a beleza das galáxias...;

ou um ramo de flores, mas ainda melhor, uma velha árvore de ramos mortos e viva;

ou imaginar-se a oferecer o mundo do alto de uma montanha;

ou pôr-se, sem mais, diante da hóstia consagrada...

Pedir o que quero:

Aqui, será pedir a graça de que se me abram os olhos do entendimento, olhar interior – para a ordenação de todos os mistérios para saborear tanto amor recebido.

Pontos:

1) Deus viu que era bom» – Ver o α e o Ω , ver a Jerusalém que “desce” adornada, ver a minha vida e a criação em marcha. Ver-ouvir a iniciativa de Deus que me colhe em qualquer parte, em qualquer lugar, no jardim da minha vida e pelo cair da tarde me busca e me pergunta: Quem te disse que estavas nu, pobre, vulnerável, caótico? Vem, farei de ti pescador, semeador, pastor...

Slm 138; Sab 8; Gen 3, 11; Luc 5, 8-10.

2) “Deus faz-Se participar” – “Deus faz-Se homem para que o homem seja Deus” (S. Ireneu de Lion)(11). Aqui considerar com muito amor o mistério global da encarnação, do fazer-se próximo para compartilhar a pena e a glória. Deixar-se tocar pela mística cósmica do Esquema 2 e escutar as palavras dirigidas pessoalmente: Eu estou à porta e bato, se me abrires... Quem quiser vir comigo há-de viver como eu... Rir com os que riem chorar com os que choram. Já não vos chamo servos... e comovido, perante tantas fomes do mundo: dai-lhes vós mesmos de comer...

Apoc 3, 20; Jo 6, 9 ss. 68; Mc 6, 37.

3) Comungar na vida: contínuo louvar, reverenciar e servir. Aqui sentir com a Igreja e para que a Igreja reconheça que é Ele que louva em nós. Viver-permanecer-em Cristo ressuscitado. Encontrar o sentido da Festa dos pobres. Porque estávamos mortos e voltamos à Vida...

Jo 16, 19-24; 1 Jo 3, 19-24; Lc 15.

Colóquio

Por fim, terminemos com um colóquio de misericórdia sobre o mundo: Magnificat! Amen.

Notas

- (1) JOSÉ CRAVEIRO, S.J., *Na vida espiritual não há linha recta*, AO, Braga, 1993.
- (2) SOFIA DE MELLO BREYNER ANDERSEN, *O búzio de Cós*, Caminho, 1997, p. 12.
- (3) PIERRE TEILHARD DE CHARDIN, *Dans le Christ total*, in *Hymne de l'Univers*, Ed. Seuil, Paris, 1961.
- (4) *Ibidem*.
- (5) PIERRE TEILHARD DE CHARDIN, *Trois histoires comme Benson*, Ed. Seuil, Paris.
- (6) PIERRE TEILHARD DE CHARDIN, *La messe sur le monde*, Ed. Seuil, Paris.
- (7) S. INÁCIO DE LOYOLA, *Autobiografia*, Edições Loyola, S. Paulo, 78, n. 28-30.
- (8) PIERRE TEILHARD DE CHARDIN, *O meio divino*, Presença, Lisboa, p. 55 ss; *L'Avenir de l'homme*, Seuil, p. 59, pp. 242 e 341.
- (9) PIERRE TEILHARD DE CHARDIN, *Sur le bonheur*, Cahier T. C., Seuil.
- (10) J. FREITAS FERREIRA, *Teologia da criação*, in *Origens do universo, da vida e do homem*, UCP, Lisboa, 83, p. 229-250.
- (11) FRANÇOIS VARILLON, S.J., *Joie de croire, joie de vivre*, Centurion, Paris, 1981, p. 17

ORANDO
com

Teilhard
de Chardin

« Prière au Christ toujours plus grand »

SENHOR, porque, com todo o instinto e através de todas as ocasiões, na minha vida, jamais deixei de Vos procurar e de Vos colocar no coração da Matéria universal, será no deslumbramento de uma universal Transparência e de um universal Abrasamento que terei a alegria de fechar os olhos...

Como se a aproximação e estabelecimento de contacto dos dois pólos tangível e intangível, externo e interno, do Mundo que nos transporta tivesse incendiado tudo e tudo desencadeado...

Sob a forma de um menino nos braços da sua mãe - segundo a grande Lei do Nascimento -, entrastes na minha alma de criança, Jesus. E eis que, repetindo e prolongando em mim o círculo do Vosso crescimento através da Igreja, a vossa humildade palestina se expandiu pouco a pouco por toda a parte, como uma aura imensa em que a Vossa Presença, sem nada destruir, penetrava, sobreanimando-a, qualquer outra presença em meu redor...

Tudo isto porque, num Universo que se me descobria em estado de convergência, tínheis tomado, pelos direitos da Ressurreição, a posição mestra do Centro total onde tudo se reúne!

A Humanidade, emergindo para a consciência do movimento que a arrasta, tem cada vez mais necessidade dum Sentido e duma Solução a que lhe seja finalmente possível dedicar-se plenamente.

Pois bem, esse Deus, já não somente o do velho Cosmos, mas o da nova Cosmogénese (na exacta medida em que o efeito dum trabalho místico duas vezes milenar é o de fazer aparecer em Vós, com a Criança de Belém e o Crucificado, o Princípio motor e o Núcleo colector do próprio Mundo), - esse Deus tão esperado pela nossa geração, não sois vós, justissimamente, que o representais e que no-lo trazeis - Jesus ?

Senhor da Consistência e da União, Vós cuja marca de reconhecimento e a essência são de poder crescer indefinidamente, sem deformação nem rotura, à medida da misteriosa Matéria cujo Cerne ocupais e cujos movimentos totalmente controlais, - Senhor da minha infância e Senhor do meu fim, - Deus completo em si e, contudo, para nós, jamais acabado de nascer, - Deus que, para vos apresentardes à nossa adoração como «evolutor» e «evolutivo», sois o único capaz de nos satisfazer, - afastai, enfim, todas as névoas que ainda vos escondem, - tanto as dos preconceitos hostis como as das falsas crenças.

E que, por Diafania e Incêndio, se revele a vossa Presença universal.

Ó Cristo sempre maior !

(Teilhard de Chardin, "Le Cœur de la Matière »)

"Adora e confia" ⁵

Não te inquietes com as dificuldades da vida,
com os seus altos-e-baixos,
com as suas decepções,
com o seu futuro mais ou menos sombrio.
Quer o que Deus quer.

Oferece-lhe, no meio das preocupações e dificuldades, o sacrifício da tua alma simples que, apesar de tudo, aceita os desígnios da Sua Providência.

Pouco importa que te consideres um frustrado
se Deus te considera plenamente realizado; à sua maneira.
Perde-te confiado cegamente nesse Deus que te quer para si. E que chegará até ti,
ainda que nunca o vejas.

Pensa que estás nas suas mãos,
tanto mais fortemente agarrado,
quanto mais caído e triste te encontres.

Vive feliz. Eu to suplico.
Vive em paz. Que nada te altere.
Que nada seja capaz de te tirar a tua paz.
Nem o cansaço psíquico. Nem as tuas fraquezas morais.
Faz que brote e conserva sempre no teu rosto
um doce sorriso, reflexo daquele que o Senhor
continuamente te dirige.

E no fundo da tua alma coloca, antes de mais nada, como fonte de energia e
critério de verdade, tudo aquilo que te enche da paz de Deus.

Recorda: tudo o que te deprime e inquieta é falso.
Eu to asseguro em nome das leis da vida
e das promessas de Deus.
Por isso quando te sentires cabisbaixo e triste,
adora e confia...

Pe. Teilhard de Chardin

⁵ Oração composta por 'desconhecido' a partir das cartas de 22.8 e 20.9.1915 escritas por Teilhard de Chardin a sua prima Marguerite Teilhard-Chambon, incluídas no volume «Génese de um Pensamento», Morais Editora, Lisboa, 1966, pág. 72-76 e 78-79, respectivamente

Terra prometida ⁶

A Energia fazendo-se Presença.

E, assim, a possibilidade não apenas de crer e de esperar a descobrir-se e a abrir-se ao Homem, mas também (coisa bem mais inesperada e mais preciosa) *de amar*, co-extensiva e co-organicamente, com todo o passado, o presente e o futuro de um Universo em vias de concentração sobre si mesmo...

Seria como se um único raio duma luz intensa, incidindo onde quer que seja, como um relâmpago, sobre a Noosfera, devesse provocar uma explosão suficientemente forte para inflamar e renovar quase instantaneamente a face da Terra.

Como é, então, possível que, olhando à minha volta, e ainda atordoado por o que se me revelou, me encontre quase o único da minha espécie? o único a ter *visto*?... incapaz, pois, quando mo perguntam, de citar um só autor, um só escrito, onde se reconheça, claramente expressa, a maravilhosa «Diafania» que, aos meus olhos, tudo transfigurou?

E como é possível, sobretudo, que, «tendo descido da montanha», e apesar da magnificência que trago nos meus olhos, eu me encontre tão pouco melhor, tão pouco pacificado, tão incapaz de fazer passar aos meus actos, e, portanto, de comunicar aos outros, a maravilhosa unidade em que me sinto imerso?

O Cristo-Universal? O Meio Divino?

Acaso não estarei a ser o mero joguete duma miragem interior?...

Eis o que muitas vezes me pergunto.

Mas eis também que, contra isso, do fundo de mim mesmo, três vagas sucessivas de evidências se insurgem, de cada vez que me surpreendo a duvidar – e que varrem do meu espírito o falso temor de que o meu «Crístico» possa ser uma simples ilusão.

Evidência inicial da *coerência* que este inefável Elemento (ou Meio) estabelece no âmago do meu pensamento e do meu coração. Bem entendido (e eu estou farto de o saber...), apesar do ambicioso esplendor das minhas ideias, continuo, na prática, duma imperfeição que me inquieta. Mal-grado as pretensões da sua formulação, a minha fé não opera em mim tanta caridade real, nem tão calma confiança, como o catecismo que se ensina às crianças infunde na humilde pessoa ajoelhada ao meu lado. Mas o que sei também é que esta Fé refinada, de que tão mal me sirvo, é a única que eu posso suportar, a única que me satisfaz – e mesmo (não posso duvidar) a única que será capaz de servir ao comum dos homens e das mulheres de amanhã.

Evidência, em seguida, da *potência contagiosa* de uma forma de Caridade em que se torna possível amar Deus não só «de todo o seu corpo e de toda a sua alma», mas de todo o Universo-em-evolução. Ser-me-ia impossível, confessei-o acima, poder citar uma única «autoridade» (religiosa ou laica), com quem eu pudesse incondicionalmente

⁶ O presente texto, em tradução da responsabilidade da AAPTCP, é a “Conclusão” do ensaio *Le Christique*, incluído em *Le Cœur de la Matière*, que constitui o 13º e último tomo das *Œuvres Complètes*, de Teilhard de Chardin, Éditions du Seuil, Paris, 1976. *Le Christique* foi o último ensaio do autor, escrito em março de 1955, um mês antes da sua morte, ocorrida no dia 10 de Abril de 1955.

identificar-me, tanto quanto à «visão cósmica» como quanto à «visão crística». Mas, em contrapartida, como não sentir vibrar à minha volta (que mais não fosse pela maneira como as «minhas ideias» se difundem) a multidão de todos os que – desde as fronteiras da incredulidade até ao recôndito dos conventos – pensam, sentem ou, pelo menos, pressentem exactamente como eu? Consciência reconfortante, na verdade, de nada descobrir por mim mesmo, mas, simplesmente, de fazer ressoar o que forçosamente (perante um certo estado do Cristianismo e do Mundo) vibra por todo o lado nas almas que me rodeiam. E consciência exaltante de não ser nem eu nem apenas eu – mas de ser legião – mas de ser «todos», mesmo, na medida em que se reconhece, palpitando no fundo de mim, a unanimidade de amanhã.

Evidência, enfim, da *superioridade* (ainda que simultaneamente da *identidade*) daquilo que vejo em relação ao que me haviam ensinado. Pela sua própria função, nem Deus que nos atrai pode ser menos perfeito, nem o Mundo com o qual co-evoluímos pode ser menos estimulante do que o concebemos e de que necessitamos. Tanto num caso como no outro (e a menos que admitamos uma desarmonia positiva no próprio estofo das Coisas), é na direcção do máximo que permanece a verdade. Ora, como vimos mais acima, é no século em que vivemos que no «Crístico» o Divino atinge o auge do adorável e o Evolutivo um extremo de activação. Que dizer, então, senão que é nesta direcção que, inevitavelmente, o Humano se orienta e que, mais cedo ou mais tarde, se unificará?

E, eis que, deste modo, se explica muito naturalmente o meu isolamento, a minha singularidade aparente.

Por toda a Terra, neste momento, no seio da nova atmosfera espiritual criada pela aparição da ideia de Evolução, flutuam, num estado de sensibilização extremo, o amor de Deus e a fé no Mundo: as duas componentes essenciais do Ultra-Humano. Estas duas componentes estão, por todo o lado, pairando «no ar»: mas geralmente não tão fortes, *nem simultaneamente as duas*, para se poderem combinar uma com a outra, *num mesmo sujeito*. Em mim, por puro acaso (temperamento, educação, meio...), tendo sido a proporção de uma e de outra favorável, a fusão operou-se espontaneamente – débil ainda para se propagar explosivamente – mas suficiente, todavia, para garantir que a relação é possível e que, *um dia ou outro*, a *cadeia virá a estabelecer-se*.

Nova prova de que basta que a Verdade apareça uma só vez, num só espírito, para que de futuro nada possa impedi-la de tudo invadir e de tudo inflamar.

Teilhard de Chardin
Nova Iorque, Março 1955

LITURGIA CÓSMICA

Apresentada pelo Padre Antonio Gentili ⁷

Criaturas, Elementos, Cores, celebram a Eucaristia nas palavras de Teilhard de Chardin

«A eucaristia é « comunhão de vida com o ser e com todos os seres,
é o lugar em que o ser criado e a sua história
passam do sexto ao sétimo dia da criação,
quando Deus será tudo em todos ».

Carlo Maria Martini

« Adoro um Deus palpável ... »

Teilhard de Chardin

O cosmos inteiro readquire um carácter sacramental

À luz da **Incarnação**, a matéria e a vida adquirem um dinamismo e uma potencialidade sacramental que se exprimem no corpo e no sangue do Senhor. A celebração eucarística oferece à humanidade e ao cosmos um foco do Espírito Santo que transforma o todo em nova criatura.

Deste modo, a missa é o acontecimento em que o Verbo incarnado “toma corpo” na humanidade e no cosmos. Através dele, é restituído ao homem e à matéria o seu carácter sacramental original, ou seja, a realidade que contém e manifesta o sagrado, o divino.

No plano humano e ecológico, as consequências desta visão são decisivas para a plena realização dos destinos humanos, enquanto contribuem para alterar uma relação dessacralizante da própria pessoa com os outros e para instituir com o ser criado uma relação respeitadora, isenta de qualquer intenção de domínio e desfrute.

A humanidade e toda a criação tornam-se, assim, a noiva/esposa conduzida às eternas núpcias do Cordeiro.

Trata-se de um ensinamento retirado do **Concílio Vaticano II**:

« O Senhor deixou aos seus um penhor desta esperança e um viático para o caminho, naquele sacramento da fé, em que os elementos naturais cultivados pelo homem se transformam no Seu corpo e no Seu sangue glorioso, como refeição de comunhão fraterna e antecipação do deslumbramento no céu».

⁷ Padre barnabita, diocese de Como, Itália

As quatro faces do “corpo” de Cristo

Com a celebração eucarística somos chamados a contemplar – e a comungar – com Cristo nas quatro faces do seu “corpo”:

- o **corpo eterno** do Verbo divino, que o Pai gera no Espírito do seu Amor;
- o **corpo físico** do Verbo, concebido e gerado na Virgem Maria, e que nos é dado nos santos sinais do pão e do vinho eucarísticos, onde ele se torna presente com a sua divindade e humanidade;
- o **corpo social** de Cristo, que agrega a si os homens como membros vivos, e se torna «cabeça do novo e universal povo de Deus» (Vaticano II);
- o **corpo cósmico**, a partir do momento em que «a total plenitude do mundo se transforma no corpo do Senhor e no templo do Espírito Santo», do mesmo modo que «o universo é perfeitamente restaurado em Cristo» e se torna «uma nova criação» (Vaticano II).

A ressurreição do Senhor e a liturgia cósmica

O processo de cristificação da humanidade e do cosmos tem a sua eclosão a partir da ressurreição de Cristo, e é-nos proposto, actualizado e vivido sacramentalmente, através do banquete eucarístico. Um fragmento de matéria transforma-se em “corpo” do Senhor, e quantos dele se alimentam tornam-se “co-corpóreos” de Cristo. A valência cósmica do sacramento por excelência do Ressuscitado foi particularmente sublinhada por João Paulo II no *Orientale lumen*, falando da «potencialidade eucarística do mundo criado: este está destinado a ser assumido na eucaristia do Senhor, na sua Páscoa, presente no sacrifício do altar».

Na tradição do Oriente cristão, fala-se de «liturgia cósmica» para evidenciar como os sacros ritos que culminam na eucaristia envolvem o humano e o divino, o místico e o cósmico, o temporal e o eterno, de que é testemunho a Mistagogia de Máximo, o Confessor (cerca do ano 630), sem esquecer as intuições de Ireneu de Lyon (século II).

Os pensamentos que se seguem são retirados da *Missa sobre o mundo*, de Pierre Teilhard de Chardin que na sua oração, gostava de fazer referência ao Cristo cósmico.

TEXTOS PARA A LITURGIA

(retirados da «Missa sobre o Mundo», de Teilhard de Chardin)

Preparação para a missa

Espírito ardente, Fogo fundamental e pessoal. Termo real de uma união infinitamente bela e desejável ..., digna-Te descer, uma vez mais, sobre esta frágil película de matéria nova de que hoje se vai envolver o Mundo, para lhe dar uma alma.

Eu sei. Não está ao nosso alcance ditar, ou antecipar, sequer, o mínimo dos Teus gestos. De Ti provêm todas as iniciativas, a começar pela minha própria oração.

Verbo cintilante, Força ardente, Tu que modelas o Múltiplo para lhe insuflar a tua Vida, impõe sobre nós, eu te suplico, as tuas Mãos poderosas, as tuas Mãos protectoras, as tuas Mãos omnipresentes ...

Com essas mãos poderosas, prepara a grande obra que tencionas realizar ... e, através da minha boca, pronuncia a palavra dupla e eficaz [da consagração] sem a qual tudo vacila, tudo se desliga e com a qual tudo se religa e tudo se consolida. Sobre toda a vida que hoje vai germinar, crescer, florir, amadurecer, repete: «**Este é o meu Corpo !**». E, sobre toda a morte, que diminui, mina, desliga, ordena (mistério da Fé por excelência!): «**Este é o meu sangue !**».

Entrada

No princípio, era a Força inteligente, amante e activa.

No princípio, era o **Verbo** sumamente capaz de submeter a si e de plasmar toda a matéria nascitura.

No princípio, não era o frio, não eram as trevas.

No princípio, era o **Fogo**.

Eis a verdade.

Rito penitencial

O princípio que salva a Criação, culpada pelo regresso ao pó, é Cristo. Com a força da sua atracção, com a luz da sua palavra, com a entrega do seu próprio ser, Jesus restabelece, no seio do Mundo, a harmonia das forças e a convergência dos seres.

Glória

Ó Cristo glorioso! Influência secretamente difundida no seio da Matéria e Centro deslumbrante em que se religam as inúmeras fibras do Múltiplo! Potência irresistível como o Mundo e quente como a Vida!

Tu, cuja fronte é de neve, os olhos de fogo, os pés mais cintilantes que o ouro em fusão,

Tu, cujas mãos aprisionam as estrelas,

Tu, que és o primeiro e o último, o vivo, o morto e o ressuscitado,

Tu, que reúnes na tua unidade exuberante todos os desejos, todos os gostos, todas as forças, todos os estados,

Tu és aquele que o meu ser invoca com uma aspiração tão vasta quanto o Universo.

Tu és, verdadeiramente, o meu Senhor e o meu Deus !

Depois do Evangelho

Ó Senhor, pela força da tua palavra, lanço-me no turbilhão das lutas e das energias que farão crescer em mim a capacidade de acolher e de experimentar a tua **Santa Presença**. Aquele que apaixonadamente tiver amado Jesus, oculto nas forças que fazem crescer a Terra, a Terra, tomando-o maternalmente nos seus braços imensos, levá-lo-á a contemplar o rosto de Deus.

Ofertório

Uma vez mais, sob uma torrente de fogo, a superfície viva da Terra desperta, vibra e recomeça o seu labor intenso. Na minha patena colocarei, ó Senhor, a colheita esperada, fruto deste nosso esforço e no meu cálice, derramarei a seiva de todos os frutos que hoje serão pisados. O meu cálice e a minha patena são as profundezas de uma alma plenamente aberta a todas as forças que, num instante, se elevarão de todos os pontos do Globo para convergir no Espírito. Venham, a mim a memória e a presença mística de todos aqueles que a luz desperta para uma nova jornada.

Recebe, Senhor, nesta oferta, a **Hóstia total** que a criação, atraída por ti, te apresenta nesta nova aurora da vida.

Partir do pão [no rito Ambrosiano]

Prostro-me, meu Deus, diante da tua presença no Universo tornado ardente e, sob a aparência de tudo o que eu enfrentar, de tudo o que me acontecer, de tudo o que eu realizar no dia de hoje, desejo-te e espero-te.

Comunhão

Para que nenhum mal hoje me afecte, para que nenhuma morte me atinja, para que nenhum vinho me perturbe, para que em toda a criatura eu Te descubra e Te sinta, Senhor, faz que eu acredite!

Estreita-me a Ti, Senhor! ... Sem hesitar, estenderei a mão para o pão ardente que me apresentas. Nesse pão, em que encerraste o germe de todo o crescimento, reconheço o princípio e o mistério do futuro que me reservas. Sei que aceitá-lo significa abandonar-me às forças que dolorosamente me arrancarão a mim próprio para me impelirem para o perigo, para o esforço, para a renovação contínua das ideias, para a renúncia austera. Comê-lo significa descobrir um gosto e uma afinidade por tudo o que está acima de tudo, que me tornarão doravante impossíveis as alegrias em que dantes se animava a minha vida. **Senhor Jesus, aceito ser possuído por ti** e, pela inexprimível força do teu Corpo, a que ficarei ligado, aceito ser arrebatado para solidões a que, sozinho, nunca ousaria subir. Como qualquer outro homem, gostaria também de levantar aqui a minha tenda numa montanha da minha eleição. Como todos os meus irmãos, tenho medo do futuro demasiado misterioso e novo para que o tempo que passa me impele. Ansiosamente, com eles, interrogo-me para onde irá a vida ... Possa esta Comunhão do pão com o Cristo, revestido das forças que sublimam o Mundo, libertar-me do meu temor e da minha passividade!

Pe. Vasco

TEXTOS

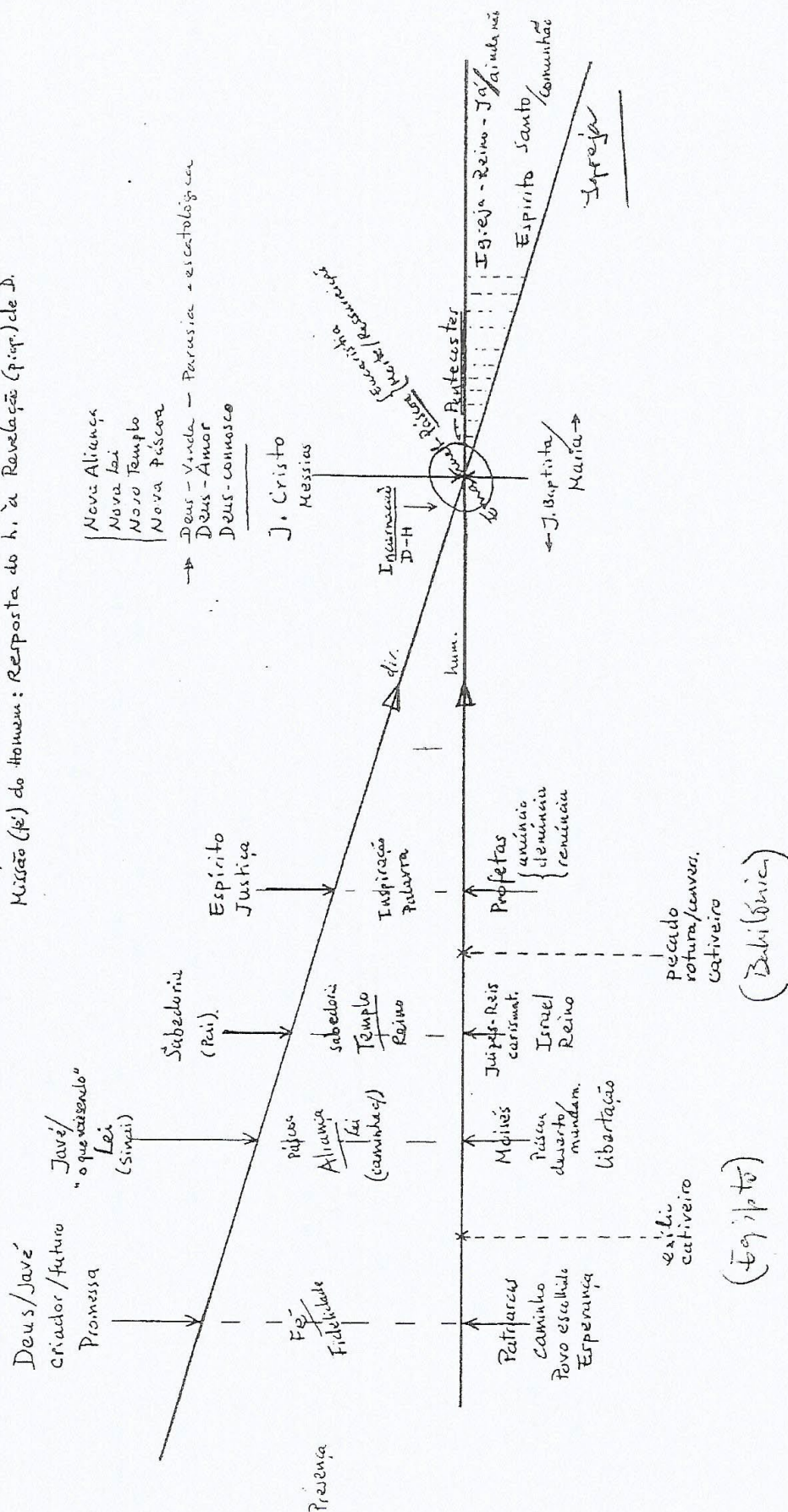
de

APOIO

(2)

HISTÓRIA DE SALVAÇÃO - Aliança

Proposta de Deus: Resposta de D. ao desejo do h.
Missão (p) do homem: Resposta do h. à Revelação (p) de D.



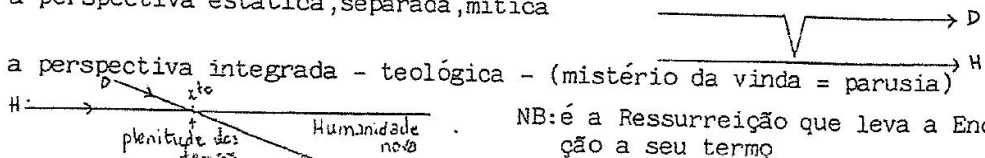
a chave (e o Centro): J. Cristo; a carta (e guia de itinerários): Páscoa

Um Deus que se humaniza - uma Humanidade que se diviniza

PASSOS DA ORAÇÃO (Um guião)

1. Relaxação : Fazendo silêncio interior...respirando e acalmando-se... escolhendo o sítio, o ambiente de recolhimento e paz. O corpo reza...
2. Presença de Deus : Cair na conta de que Deus está comigo, está em mim, na minha história e em tudo o que me envolve... quer estar comigo, e eu vou(quero) estar com Ele. Fazer um acto de fé.
3. Oração preparatória ou rectificar a intenção : Pedir a Deus que é Pai e Senhor, que "todas as minhas intenções, acções e projectos, bem como esta oração, se orientem unicamente para Ele e para cumprir a Sua vontade".
4. Composição do lugar: Conforme a matéria da oração ou texto da Escritura, imaginar a cena, as palavras, os intervenientes...metendo-me, tornando-me presente.
5. Petição: "Pedir o que quero".
Conforme a matéria proposta, pedir a graça de alcançar de Deus o objectivo que nessa oração se pretende. Por exemplo: alegria, arrependimento, luz para discernir, conhecimento interno de Jesus, etc...
6. Leitura / meditação dos textos bíblicos ou tema das notas pessoais :
 - À medida que vou lendo, lentamente, saborear, falar com Deus, com Jesus... Entrar num diálogo de intimidade... e ir aplicando a mim o que vou entendendo. Sem pressa. Tomar nota dos sentimentos, das consolações e desolações, das passagens importantes, dos desejos e propósitos.
 - Às vezes como quem escreve uma carta a um amigo!
Ir encontrando o que mais me ajuda a estar com Ele.
7. Colóquio ou conversa final: Quando estiver para acabar a oração, nunca o fazer sem uma conversa concreta para pontualizar, resumir, fixar...agradecer.
"Como um amigo fala com outro amigo".
8. Pai-Nosso final: Ter esta ou outra forma prática de acabar.
- (9). Avaliação : Depois de terminada a oração, ajuda sempre pensar "Como é que correu?", e tirar conclusões vendo o que mais ajudou ou prejudicou, o que faltou. Aprende-se a orar, orando; reflectindo sobre a própria oração e melhorando. É preciso aprender a "tirar proveito" da experiência, qualquer que ela seja, com mais ou menos consolações.

JESUS CRISTO-VERDADEIRO HOMEM

- 0) Uma simples reflexão mais atenta à fórmula da nossa fé:
-verdadeiro Deus - e - verdadeiro homem - poderá, antes de arrumar a questão com um "é mistério!", fazer suspeitar que só é possível avançar a compreensão se mudar o nosso conceito de divindade e/ou de humanidade.
- 1) Uma mudança de perspectiva
- a) a filosófico-antropológica de raiz grega que é o nosso comum ponto de partida, acaba por levar a uma conciliação impossível
-a mentalidade religiosa e mítica fica num beco sem saída
-a história das heresias cristológicas dos primeiros séculos mostra a inevitável tendência a eliminar um dos lados
-e contudo se nos despojarmos de preconceitos - prejuízos- a Escritura não dá margem senão para a formulação de Éfeso-Calcedónia, uma só pessoa e duas naturezas.
Em tudo igual a nós excepto no pecado (Heb.4,15); quem Me vê, vê o Pai (Jo 14,9); Eu e o Pai somos um (Jo 17,21) - não é o filho do carpinteiro? - a razão da acusação é clara: fez-Se Deus-blasfemou... (Mt 26,64.65)
- b) a teológica: isto é mudar o ponto de partida: tomar como dado revelado "Deus-e-homem-verdadeiros" e daí vir à grande novidade que assim se revela de quem é Deus para o Homem e de quem é o Homem para Deus. Isto é abrir caminho no novo modo de entender a divindade e a humanidade.
- 2) Só depois da Ressurreição se começa realmente a pôr a questão. Só depois das experiências da aparição-pentecostes, os próprios discípulos entendem o novo Messianismo pregado por Jesus, só então Lhe aplicam o título de Senhor.
- 3) História das heresias cristológicas
entre dois extremos: docetismo (elimina a humanidade) e ^{ariani} ~~gnosticismo~~ (elimina a divindade) vai tomar corpo a doutrina de Ireneu de Lião sintetizada na formulação dogmática dos concílios de Éfeso (431) e Calcedónia (451): uma só pessoa e duas naturezas.
- Conclusão: é ainda a tentativa de meter a teologia em conceitos filosóficos. Mas é a reflexão sobre a Trindade que vai abrir a filosofia. uma nova compreensão do conceito de pessoa, e é a cristologia que irá dizer algo de novo sobre a noção de humanidade.
- 4) Mas o caminho exige partir de uma visão mais vasta das verdades reveladas integradas na grande Verdade Revelada que é não separar Cristologia de Soteriologia. Isto é, onde Encarnação e Ressurreição-redentora são um mesmo mistério; e a própria Criação é entendida à luz de Cristo e da encarnação. Col. 1,12.20 (primogénito... nele foram criadas todas as coisas); Ef 1,3.10 (nos escolheu antes das coisas em Cristo na plenitude dos tempos); Rom 8,29.30 (predestinou conforme à imagem do Seu Filho para ser primogénito de muitos irmãos)
- 5) Dinâmica de um mistério de amor desde toda a eternidade. Tudo é vinda. Tudo é história da Salvação
- a) a perspectiva estática, separada, mítica
- b) a perspectiva integrada - teológica - (mistério da vinda = parusia)
- 
- NB: é a Ressurreição que leva a Encarnação a seu termo
- 6) 2 binómios reveladores:
Baptismo - tentações , Transfiguração - paixão

PRINCÍPIO E FUNDAMENTO

Ex. Esp. nº 23

- (1) O HOMEM é criado para amar e ser amado. Ou, como diz a Bíblia, para ser "imagem e semelhante a Deus" (Gén 1, 26-31). Ou ainda de outro modo, para louvar, servir e reverenciar a Deus nosso Senhor, e mediante isto salvar a sua alma.
- E as OUTRAS COISAS sobre a face da terra são criadas para o homem, para o ajudarem a conseguir o FIM para que é criado.
- (2) Donde se CONCLUI que o homem há-de usar delas TANTO QUANTO o ajudam para o seu fim, e abster-se delas tanto quanto (na medida em que) disso o impeçam. Se usa mal (por excesso ou por defeito) ab-usa.
- (3) Portanto, é necessário fazermo-nos "indiferentes" (isto é, adquirir uma LIBERDADE INTERIOR, uma distância crítica, uma disponibilidade, uma isenção) em relação a todas as coisas criadas, em tudo o que é concedido à liberdade do nosso livre arbítrio e não lhe está proibido.
- (4) De tal maneira que, da nossa parte, não queiramos nada senão o que mais nos conduz ao fim: não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que breve, e assim por diante em tudo o mais, desejando e escolhendo somente o que MAIS nos leva ao fim para que somos criados.

NOTAS: (1) PRINCÍPIO DE FINALIDADE (^{TC}divinização)
ou do Amor criador, salvador, dinâmico;
tudo para o Bem da pessoa humana.

(2) PRINCÍPIO DE EQUILÍBRIO
ou do Ver tudo com os olhos de Deus
e não do "meio termo".

(3) PRINCÍPIO DE LIBERDADE / LIBERTAÇÃO
ou do relacionamento libertador, sem se escravizar.

(4) PRINCÍPIO DO CRESCIMENTO / MAIS
ou do Aperfeiçoamento e Santidade,
tirando partido de tudo.